

## LINGUAGEM E IDENTIDADE AFRICANA / AFRO-BRASILEIRA

*Adilbênia Freire Machado\**

### RESUMO:

África é um continente com diversas culturas, línguas e povos, onde as raízes das civilizações são intensas e a cultura se entrelaça com as práticas do dia a dia. Sua cultura é continuamente celebrada nos seus valores, suas crenças, costumes, tradições, suas danças e canções, nas práticas rituais, nos cultos aos ancestrais... um continente plural marcado por uma grande diversidade étnica e cultural. O negro africano e suas diversas línguas mudaram não apenas o português existente no Brasil, mas também a estética, a culinária, os costumes e até mesmo a religião, numerosas influências que perduram nos transformando na maior população afrodescendente concentrada fora do continente africano. Esse artigo tem objetivo de fazer uma breve abordagem sobre Identidade Negra/Africana e Afro-brasileira e a influência da língua portuguesa nos países africanos que falam português, além das influências, na nossa língua, dos africanos escravizados aqui.

**PALAVRAS – CHAVE:** África. Brasil. Identidade. Línguas. Cultura.

### Uma pequena introdução

África caracteriza-se por ser um continente que pode orgulhar-se de ser o berço da civilização, onde foram encontrados os mais antigos fósseis humanos, onde surgiu a escrita com os hieróglifos<sup>1</sup>, onde se travaram as mais longas e dolorosas batalhas contra o colonialismo. Continente diverso e plural. Rico e encantador.

A África ainda continua sendo vista como categoria unificada e coerente, negando

---

\* Bacharela e Licenciada em Filosofia, pesquisadora da linha de pesquisa *Achei (Africanidades, Corpo, História, Educação e (In)Formação)* - Redpect /Ufba e do grupo de pesquisa *Griô: Culturas Populares, Diáspora Africana e Educação* (Ufba). Pesquisa: Filosofia Africana, Filosofia da Libertação Latino Americana, História e Cultura Africana e Afro-brasileira, Ancestralidade, Encantamento e Educação para as Relações Étnorraciais.

<sup>1</sup> A escritura é uma criação do Egito e do Sumer.

sua diversidade, olhando o contexto folclórico e escravista, localizando a filosofia em grupos étnicos. Articula-se isso defendendo que a África foi uma construção da Europa, no sentido de que a Europa necessitava dos seus outros para projetar seus medos e suas aspirações. Ora, os historiadores do século XIV até início do XX, ponderam que a história da África, quer seja vivenciada, quer seja contada, teria principiado no período em que os europeus começaram a ter contato com aquele continente. Não apenas pelo registro e relato feito pelos viajantes, comerciantes, administradores e missionários que passavam por lá, do século XV ao XIX, mas especialmente pelas mudanças introduzidas pelos europeus na África, confabulam que todos os elementos de destaque da cultura africana seriam frutos de interferências de outras civilizações, cópias inferiores e não uma criação propriamente africana<sup>2</sup>.

A história colonial da África é muito diferente da sua verdadeira história, é então, que no fim do século XIX os africanos que aprenderam a ler o alfabeto latino começam a deixar por escrito aquilo que conheciam sobre a história de seus povos, para que assim pudessem evitar que os europeus tragassem as suas histórias, contando uma história que não os pertenciam, mas uma história que vangloriariam os colonizadores europeus.

São os fatos históricos que mostram o quanto devemos ao Continente Africano, fatos como: As pirâmides do Egito Antigo foram construídas ao longo de vários milênios, sendo feitas com um intenso e desenvolvido conhecimento; também não expõe que o calendário do Egito antigo era mais exato que o moderno e os hieróglifos egípcios e seus antecedentes são os primeiros sistemas da escrita. Eles tinham conhecimento de uma avançada matemática abstrata 13 séculos antes de Euclides, desenvolviam sofisticadas técnicas de geometria, matemática e engenharia. Dois milênios e meio antes do grego Hipócrates ser considerado fundador da medicina, os egípcios Imhotep e Atótis juntamente com seus sucessores desenvolveram os fundamentos da medicina.

Existe um vasto conteúdo do conhecimento e avanços tecnológicos alcançados pela civilização egípcia, porém há uma projeção da história que aniquila essa verdade, não

---

<sup>2</sup> Imposição de modos de vida que não dizem respeito às diversas culturas africanas.

a apresentando como início do desenvolvimento do conhecimento. Outra forma de negação é a persistente negação da identidade africana e negra dos egípcios, chegando até mesmo a caracterizar essa civilização como realização de outros povos. Essas conquistas caracterizam o desenvolvimento dos estados africanos, não estando restrita apenas ao Egito, há todo um cabedal de reflexão, de conhecimento, tecnologias de metalurgia e mineração, agricultura e criação de gado, matemática, engenharia, astronomia, ciência e medicina<sup>3</sup>.

Cheick Anta Diop afirma que:

A história da humanidade permanecerá na escuridão até que seja vislumbrada a existência de dois grandes berços – o meridional, que inclui toda a África, e o setentrional, que corresponde ao espaço eurasiático – onde o clima forjou atitudes e mentalidades específicas.<sup>4</sup> (MOORE, 2007, p.106)

Diop afirma, dessa forma, que a humanidade tinha desembocado, em consequência de ser resultado da interação do homem com meios ambientais completamente opostos, em duas lógicas de evolução socioeconômicas opostas. A obra de Cheikh Anta Diop irá reestabelecer, por meio de rigorosa pesquisa científica, as verdades negadas, apresentando-se como referência básica do resgate desse legado egípcio, esse legado civilizatório.

Alguns historiadores afirmam que a história só começa à medida que o homem se põe a escrever, a registrar os acontecimentos, desse modo, o passado africano antes do início do imperialismo europeu, só poderia ser reconstituído a partir dos testemunhos de restos materiais, dos costumes primitivos e da linguagem, coisas essas que não diziam respeito aos historiadores, mas aos arqueólogos, linguistas e antropólogos.

África é um continente com diversas culturas, línguas e povos, onde as raízes das

<sup>3</sup> Ver sobre em: HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, I: Metodologia e Pré-História da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo – 2.ed.ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

<sup>4</sup> Conversa com Carlos Moore, durante uma entrevista realizada em Dakar, Senegal, em 1976. Texto: O racismo através da história: da antiguidade à modernidade. Carlos Moore. 2007.

civilizações são intensas e a cultura se entrelaça com as práticas do dia a dia. Sua cultura é continuamente celebrada nos seus valores, suas crenças, costumes, tradições, suas danças e canções, nas práticas rituais, nos cultos aos ancestrais... um continente plural marcado por uma grande diversidade étnica e cultural.

Esse artigo tem objetivo de fazer uma breve abordagem sobre Identidade Negra / Africana e Afro-brasileira e a influência da língua portuguesa nos países africanos que falam português, além das influências, na nossa língua, dos africanos escravizados aqui.

### **Identidade negra e afro-brasileira**

A produção acadêmica tem intensificado continuamente o debate em torno da afirmação da identidade negra, através de análises das formas de como o racismo vem sendo aplicado no contexto da educação, e também apontando as perspectivas e os desafios das políticas, das práticas curriculares e da própria história de vida que são enfrentados com intento de superação. Trabalhos que partem de uma perspectiva multicultural que enfatizam a importância da compreensão de trabalhos antirracistas que reconheçam a interconexão de marcadores de raça, etnia, cultura e linguagem, dentre outros, na constituição das identidades.

Essa perspectiva é importante para a superação de visões que reduzem a identidade negra às questões relacionadas à cor da pele, como aquelas que acabam por folclorizar o trabalho curricular, a partir do momento que o reduz ao conhecimento de festas e ritos culturais de matriz africana, em detrimento do desafio a preconceitos construídos no decorrer da história.

O debate sobre a causa negra surge como parte dos movimentos sociais que se fortalecem em torno dessa identidade negra, da cidadania, seja por meio da politização em torno de uma consciência negra com a sua cultura, tentando marcar uma cidadania diferenciada, cidadãos com direitos e enquanto negros, afirmados pela sua cultura, ou seja, através das suas práticas religiosas, culturais como sua música, suas práticas esportivas como a capoeira e outros. Oliveira (2006, p.136) diz:

A identidade negra foi (...) colorida e repintada nas cores da tradição afro-brasileira. Identidade que se afirma como projeto político e como construção cultural. Identidade que é ao mesmo tempo resgate e criação. Ipseidade e alteridade. A contínua construção da identidade afrodescendente é uma necessidade da experiência da forma cultural afro-brasileira.

Este retorno às origens perpassa por caminhos cada vez mais carregados de significados míticos, simbólicos, marcados pela tradição oral e pelos ancestrais. Nos espaços de religiosidades africanas valorizam-se as tradições das religiões dos ancestrais africanos que conservaram na oralidade um arquivo valioso da memória daqueles que aqui chegaram e lutaram pela liberdade.

A base da forma do pensamento africano e do agir das suas sociedades, encontra-se nos seus valores culturais que integram e definem essas sociedades, é através das histórias contadas de geração a geração que se conserva a sabedoria e o conhecimento. Oliveira (2007, p. 275) nos aponta que:

...a produção do conhecimento, a obediência à norma da ancestralidade (“respeita os idosos”), a vivência do princípio político por excelência: garantir o bem de todos e de cada um (“trabalhar para o progresso da família e da comunidade”) e a integração como o meio ambiente são pilares fundamentais da educação africana e afrodescendente. Todo o esforço social africano está voltado para o bem-estar da comunidade.

Um grande valor cultural, além de um aspecto essencial para a conservação da tradição, dos mitos e das lendas é a oralidade. Na oralidade os saberes e poderes são compartilhados, transmitidos, legitimados, é por meio dela que a palavra se faz elemento produtor da história, elemento formador da essência da comunidade, criando a essência da comunidade, do indivíduo e de tudo que existe, ela tem origem divina e está impregnada em todas as atividades do homem. A palavra é sagrada, assim a escuta também o é. Assim, a tradição oral é preservada e os princípios e valores continuam sustentando e preservando as identidades da comunidade. Oliveira (2007, p.237) afirma que:

A maioria das culturas africanas encerra sua sabedoria na forma narrativa dos mitos. Talvez porque os mitos não segreguem as esferas do viver. Não separa religião de política, ética de trabalho, conhecimento de ação. Talvez, também, porque o mito mantenha seu poder de segredo e encantamento, pois ao mesmo tempo em que revela, esconde e, ao mesmo tempo em que oculta, manifesta. E num caso ou no outro ele encanta, seja pela beleza explícita seja pela beleza encoberta. Em todo o caso a ética vem travestida de estética, seja na palavra, no vestuário, na música, na dança ou na arte. A vida é uma obra de arte e seus segredos são transmitidos através dos mitos que tem a função pedagógica da transmissão do conhecimento ao mesmo tempo em que sua forma de narrativa acaba por criar a própria realidade que se quer conhecer.

A essência da comunidade e do indivíduo pertencente a ela é determinada pela ancestralidade, esta se caracteriza como um princípio histórico que incorpora as regras da vida material e imaterial, pois a concepção do universo é constituída do mundo visível e invisível, regendo todas as estruturas dinâmicas da sociedade, representando também a preservação de costumes, da tradição.

Ancestralidade é uma raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade, a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, integração, sua cultura.

## África e Brasil

A história da África e a história do Brasil estão mais próximas do que nossa imaginação possa alcançar, pois o Brasil é o maior país beneficiado pelo tráfico negreiro transatlântico e também aquele que oferece maior diversidade de experiências de africanidades em todas as suas regiões, de norte a sul, de leste a oeste. Muito dos nossos antepassados no período de escravidão, vieram de diversas regiões da África e dois grupos se destacaram: Os *bantus*<sup>5</sup> e os *naçôs*<sup>6</sup> que, efetivamente, a partir de 1530,

---

<sup>5</sup> Bantu é um grupo linguístico que inclui 274 línguas e dialetos, eram povos rurais provenientes de Angola, Moçambique e Congo, subdividiam-se em: cambindas, benguelas, congos e angolans. Formaram o Reino do

começaram a formar a população afrodescendente brasileira. O negro africano e suas diversas línguas mudaram não apenas o português existente no Brasil, mas também a estética, a culinária, os costumes e até mesmo a religião, numerosas influências que perduram nos transformando na maior população afrodescendente concentrada fora do continente africano. Oliveira (2006, p.18) diz:

Seria um engano conhecer o Brasil sem conhecer a história dos afrodescendentes. Seria um engodo compreender o Brasil sem antes conhecer a África. Seria uma lástima procurar entender a realidade social brasileira sem compreender a realidade racial do país. Combater a discriminação racial não é tarefa exclusiva do poder judiciário. É preciso repensar a história brasileira a partir do legado africano. Sem isso, perderíamos em profundidade e qualidade o conhecimento sobre nós mesmos. A brasilidade, em muito é tributária da africanidade. As africanidades redesenham e redefinem a identidade nacional e, com isso, o projeto político, econômico e social brasileiro. Ainda que o discurso político e acadêmico tenham excluído, durante séculos, a experiência africana no Brasil, sua influência não deixou de exercer papel fundamental na construção do país. Chegou o tempo de ouvir quem foi calado.

Pouco falamos dos africanos como gestores de estruturas filosóficas, como produtores de pensamento, realizadores de mitologias que permitem a organização do pensamento sistemático, filosófico. Desse modo, caracteriza-se a África como um mundo variado e diverso, composto de sociedades que têm cada uma sua individualidade cultural. O continente africano encontra-se constituído por mais de 2000 grupos étnicos, com distintas particularidades linguísticas, expressões culturais e modos de organização social. Não é o sol ou a pele escura que fundamenta essa impressão de comunidade africana, essa unidade forte é cultural. Souza (2007, p.7) afirma:

---

Congo que dominou grande parte do noroeste do continente africano. (Blog: África – Brasil: Um elo de Herança Cultural.)

<sup>6</sup> Nagô ou iorubano era todo negro da Costa dos Escravos que falava ou entendia o Iorubá – uma língua cantada, que deu origem ao sotaque baiano. Os nagôs vieram das regiões da África Ocidental que compreende, atualmente, Sudão, Nigéria, Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné e Togo. (Blog: África – Brasil: Um elo de Herança Cultural.)

Como todos sabemos, e confirmamos ao olhar para as pessoas que formam o povo brasileiro, os negros africanos deram uma contribuição muito importante para o Brasil ser o que é hoje. Depois de uma dura travessia pelo oceano atlântico, foram obrigados a mudar sua maneira de viver, adaptando seus costumes e suas tradições ao novo ambiente. Misturando-se ao povo que aqui encontraram, esses negros deram origem à mestiçagem que amorenou a nossa pele, alongou nossa silhueta, encrespou nossos cabelos e nos conferiu a originalidade de gestos macios e andar requebrados. Ao incorporarem elementos africanos ao seu dia-a-dia nas lavouras, nos engenhos de açúcar, nas minas e nas cidades, construíram uma nova identidade e nos legaram o que hoje chamamos de cultura afro-brasileira.

A abordagem desse conteúdo é o primeiro passo para reconstrução de um passado negado e que precisa ser compreendido, levantando-se a reflexão acerca da discriminação racial, valorizando a diversidade étnica que nos cerca, gerando debate, estimulando comportamentos de valores e respeito ao outro, o excluído, ao mesmo tempo em que levanta também uma bandeira contra o racismo e contra as discriminações que atingem, especialmente, a população negra afrodescendente.

### **A vida na África de língua portuguesa**

O império africano de Portugal ficou reduzido, a partir da Conferência de Berlim (1884-85), a cinco territórios, com quatro na costa atlântica e um banhado pelo oceano Índico. Existe hoje, no Atlântico Norte, dois países distintos, porém atrelados pela história de sua libertação: Guiné-Bissau e Cabo Verde. A luta de libertação anticolonial foi dirigida em conjunto, no quadro de um projeto de união entre os países. Nela se distinguiu um dos mais brilhantes pensadores políticos e líder nacionalista do continente, Amílcar Cabral. Mas, vamos aos países africanos de língua portuguesa.

Guiné-Bissau<sup>7</sup> é um pequeno país de 36 mil Km<sup>2</sup> com pouco mais de um milhão de habitantes, onde a maioria dos quais seguem formas religiosas animistas (crenças que

---

<sup>7</sup> A pesquisa sobre os países africanos de língua portuguesa foi feito em sua maior parte em diversos sites, o principal deles é o Wikipédia.



atribuem uma alma a todas as pessoas, animais e fenômenos da natureza)<sup>8</sup> ou sob influência islâmica, os católicos representam 10% da população. Guiné-Bissau foi a primeira colônia africana que declarou independência, em setembro de 1973, porém, Portugal só veio aceitar essa independência após a Revolução dos Cravos de 1974.

Desde o início de tal década, Guiné-Bissau conviveu com uma intensa transformação institucional com a liberalização da economia e a implantação do multipartidarismo, porém, mesmo com ajuda dos organismos internacionais (Banco Mundial FMI, agências especializadas da Organização das Nações Unidas, etc.) ou ajuda dos países ocidentais conseguiram impedir uma exacerbada degradação econômica e contínuas crises políticas e sociais que culminaram numa breve guerra civil que aniquilou as já escassas infraestruturas existentes. Guiné-Bissau encontra-se localizada entre os 20 países mais pobres do mundo, vive fundamentalmente da exportação da castanha-de-caju e de produtos pesqueiros, a família é organizada tradicionalmente em torno do papel dominante da figura paterna, onde a prioridade da educação é atribuída aos filhos varões; o trabalho informal das mulheres tem ganhado grande valor, conferindo-lhes responsabilidade diferente no seio familiar.

**Cabo Verde** – Antes da chegada dos navegadores portugueses, Cabo Verde era apenas um arquipélago desabitado, partindo daí a decisão em iniciar a sua exploração econômica, especialmente por meio das culturas de cana-de-açúcar e algodão, porém, tal decisão implicou o recurso da mão-de-obra escravizada oriunda do continente africano, especialmente do golfo de Guiné. A população portuguesa é bem escassa, porém, a influência da colonização portuguesa se dá na forte predominância da religião católica. Cabo Verde tem cerca de 4 mil km<sup>2</sup> de superfície, constituído de formação geológica vulcânica, padecendo de uma crônica escassez de chuvas, a economia da colônia vinculava-se à proximidade do Brasil e a sua situação de porto obrigatório para a navegação entre a Europa e a América. A partir do início do século XX, empurrada pela pobreza, a população deu início a um processo de emigração para a América do Norte, a

---

<sup>8</sup> Minidicionário EDIOURO da Língua Portuguesa.

Europa e para a costa próxima do continente.

Cabo Verde exibiu uma taxa de alfabetização superior a qualquer outra colônia e sua mão de obra era qualificada ou semi-qualificada, sendo utilizada para suprir o déficit de portugueses em Guiné, onde o clima dificultava a adaptação dos europeus e dessa forma, se estabeleceu laços entre as duas comunidades, os cabo-verdianos levaram o “criol”, a língua crioula que se fala nas ilhas e é, com algumas variantes, ainda hoje falada por grande número de guineenses. Tais laços e o fato de que as condições geográficas do arquipélago não permitiam uma contestação armada ao colonialismo português explicam a convergência para uma única organização, o Partido para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) como uma força nacionalista, uma união que superou a independência de Cabo Verde em julho de 1975. Foi estabelecido que os dois países fossem entidades independentes, porém o PAIGC conservar-se-ia como uma força política comum a ambas as repúblicas.

Entretanto, o desequilíbrio educacional existente entre as duas comunidades, acabou por gerar uma preponderância guineense de ascendência cabo-verdiana na direção do Estado, o que esteve na origem do golpe dirigido pelo exército, dominado pelos guineenses originários, em 1980, golpe este cuja consequência foi a ruptura da união partidária e o êxodo de grande parte da comunidade identificada como caboverdiana.

Cabo Verde tem demonstrado ser um dos países mais bem administrado em toda a África, mesmo com a carência de recursos e os problemas ambientais que caracterizam o arquipélago. Tendo uma certa estabilidade e obtendo progresso, é um caso raro em todo o continente, apesar de continuar sendo um país pobre com mais da metade da população vivendo fora do país, a economia diversificou-se, porém a pesca continua sendo a principal atividade, tem havido importantes investimentos na navegação marítima e na área de rotas transatlânticas, promovendo o turismo e o artesanato das comunidades, criando-se as primeiras indústrias de bens de consumo com o objetivo de abastecimento interno, abrindo assim, caminhos para a autossustentabilidade. O país tem uma reconhecida intensidade cultural, encontrando na literatura e especialmente na música suas expressões mais difundidas, destacando Cesária Évora.

A ilha de São Tomé está mais ao sul, sendo atravessada pela linha do equador, ela é a principal de um arquipélago minúsculo que, juntamente com a ilha do Príncipe, compõem uma nação independente. Essa ex-colônia de Portugal caracterizava-se por ser, a partir do século XV, uma grande produtora de cana-de-açúcar.

O país é marcado por uma história de resistência, tendo cerca de 964 km<sup>2</sup> e cerca de 180mil habitantes, tinha como base da economia o açúcar, passando ao café e ao cacau no século XIX e toda a sua plantação foi obtida com trabalho. Os diferentes governos enfrentaram sempre dificuldades na reorganização da economia agrícola, que era sua única fonte de riqueza, mas com a crescente estabilidade do país e o benefício de uma beleza natural rara. Até 1975, São Tomé e Príncipe era governado por um Governador-Geral, embora independente desde 1975, reformas democráticas não foram instituídas até os últimos anos da década de 80. As primeiras eleições livres foram realizadas em 1991.

Angola é a ex-colônia portuguesa que fica mais ao sul do Atlântico, é o maior território, depois do Brasil (cerca de 1.250.000 km<sup>2</sup>), com língua oficial portuguesa, tem uma população em torno de 15 milhões de habitantes, onde cerca de um quarto vive em Luanda, capital angolana. A religião predominante é a cristã (católica e protestante) e a animista. A história do país está profundamente ligada ao Brasil, nos séculos XVII e XVIII suas trocas econômicas eram quase que exclusivamente com este país e foi daqui que partiu, no ano de 1648, a expedição de Salvador Correia de Sá, descendente de fundadores do Rio de Janeiro, objetivando resgatar Angola da ocupação holandesa. Sabe-se que após a independência do Brasil, Angola passou a ser o centro das atenções portuguesa, do seu objetivo de formar o Terceiro Império.

No ano de 1961 iniciou-se, em Angola, a luta de libertação nacional contra a ocupação portuguesa na África. Tal guerra se prolongou até o ano de 1974, envolvendo três organizações nacionalistas. Por ter posição estratégica e já ser um próspero produtor de petróleo, o país acabou tornando-se objeto das potências internacionais, porém, em 2002, Angola conseguiu assinar a paz.

É um país com grande capacidade natural, tais como: terreno fértil, tendo tradição

no plantio do café, cana-de-açúcar, algodão, cereais, possuindo pastos favoráveis à pecuária, também tendo um mar abundante em recursos pesqueiros e subsolo rico, dando destaque para as jazidas de diamantes e os campos petrolíferos. Quando o petróleo e o diamante, séculos atrás, não eram conhecidos, os produtos convertidos em exportação e transportado em grande número para diversos países das Américas, e principalmente para o Brasil, eram os próprios angolanos, cativos e escravizados.

Profundas marcas foram deixadas na sociedade angolana nas 4 décadas que sucederam as guerras, a economia acabou sendo desligada da atividade produtiva, por conta da instabilidade e da violência. O governo acaba defrontando-se com esses problemas, a partir da consolidação da paz, porém a contabilidade nacional já começara a se disciplinar, há um desejo e uma busca geral em reabilitar a infra-estrutura; a atividade econômica começa a ganhar dinamismo.

Moçambique está na costa oriental da África, é o único dos territórios de ocupação portuguesa banhado pelas águas quentes do oceano Índico, e Portugal se interessou pelo território, em virtude do sonho português do Primeiro Império, o do Oriente e Moçambique era o ponto de passagem dos navios que estavam indo para a Índia e acabava dependendo, pelo menos até o século XVIII, do governo português que estava estabelecido em Goa. O interesse aumentou no século XIX, especialmente a partir do momento em que a grande demanda das Américas encareceu o tráfico humano que era gerado nas costas do Atlântico, o território passou então a fornecer, para a economia brasileira, a mão-de-obra escravizada. A colônia só veio começar, mesmo que timidamente, um processo de crescimento econômico após a segunda Guerra Mundial.

Os nacionalistas moçambicanos, em 1964, reuniram-se numa frente política única e deram início a uma luta armada na busca de sua libertação, porém a independência só seria proclamada em junho de 1975. Porém, no ano seguinte Moçambique sofreu ataque da Rodésia, sua vizinha racista, e mais tarde ainda sofreu agressão do regime apartheid, levando a uma devastadora guerra civil. Porém, a paz foi assinada em 1992 permitiu um processo de reconstrução e a normalização da vida da população.

Moçambique possui um grande potencial hídrico e é rico em florestas, tendo bons

terrenos para aproveitamento por meio da agricultura e possui, ainda, uma longa costa marítima, as quais estão povoadas por diversas ilhas que apresentam boas condições para o turismo e a pesca. Os moçambicanos suportam problemas comuns a diversos países africanos: uma péssima distribuição de renda, uma grande diferença entre a vida do campo e a da cidade, grande desequilíbrio entre as regiões, elevada taxa de desemprego urbano devido a ausência de indústrias voltadas para o consumo local, assim como a proliferação da produção informal e uma acentuada dependência de ajuda internacional, também há uma insuficiente rede escolar e hospitalar, levando a uma alta taxa de ocorrência de aids e ainda tem uma alta ocorrência de corrupção e nepotismo.

Desde que se estabeleceu a paz no país, registrou-se uma recuperação interessante dos indicadores macroeconômicos e redução da inflação, assim como aumento da produção, especialmente no setor primário e no terciário, também aconteceu um aumento nas exportações e o turismo encontra-se em expansão.

Observamos que os cinco países de língua oficial portuguesa estão apresentando indicações positivas de que estão caminhando para um crescimento favorável ao bem-estar social. Todos eles já estabeleceram instituições democráticas, realizando eleições regularmente, dispondo de instrumentos formais de participação da sociedade, tendo órgãos de informações independentes, porém, ainda estão longe de uma estabilidade real e forte.

## **Brasil africano**

Metade dos nossos antepassados no período de escravidão, entre os séculos XVII e XIX, veio de várias partes da África. As diversas línguas que falavam acabaram por mudar o português existente no Brasil. Mudando da estética à culinária, dos costumes à religião, influências numerosas que perduram.

## **Como os africanos civilizaram o Brasil**

A história da África é fundamental para os brasileiros porque ela ajuda a nos

explicar, sendo fundamental também pelo seu valor próprio e porque nos faz compreender o grande continente que fica em nossa fronteira leste e de onde proveio quase metade de nossos antepassados.

A história do continente africano faz parte da história do Brasil, antes, durante e depois do tráfico negreiro. Os três séculos de comércio de escravos ligam indissolavelmente os acontecimentos africanos, sobretudo os da África Atlântica, à vida brasileira. Há toda uma história do Atlântico. Uma história de disputas comerciais e políticas, de desenvolvimento da navegação e de migrações consentidas e forçadas.

A história de ex-escravos que regressaram do Brasil à África e, lá, em Gana, no Togo, na República do Benin e na Nigéria, formaram importantes comunidades de “brasileiros” e, de algum modo, abraçaram certas cidades da Costa como Lagos, Porto Novo, Ague, eles ergueram arruados de sobrados e casa térreas com o mesmo risco, as mesmas janelas com persianas, as mesmas fronteiras e as mesmas grades de ferro fundido que as de Salvador, Recife ou do Rio de Janeiro, porém os africanos também reproduziram no Brasil as suas técnicas tradicionais de construção – e a casa do pobre, ao longo do litoral brasileiro, é feita em grande parte da maneira africana.

### **Línguas africanas e o português do Brasil**

Atualmente o Brasil possui a maior população afrodescendente concentrada fora do continente africano e não se pode ignorar que o português foi imposto de qualquer maneira como uma segunda língua a uma população majoritária de falantes africanos por três séculos consecutivos, do século XVI ao século XIX, onde o tráfico transatlântico trouxe cerca de 5 milhões de africanos extraídos de duas regiões subsaarianas: a região banto (situada ao longo da extensão sul e da linha do equador) e a região oeste-africana ou sudanesa, que abrange territórios que vão do Senegal até a Nigéria.

A região banto é constituída de um grupo de 500 línguas semelhantes, que são faladas em 21 países da África subequatorial: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo, República Democrática do Congo, Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi,

Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul. As de maior número de falantes no Brasil foram três línguas angolanas: quicongo, também falada no Congo, quimbundo e umbundo.

Em relação às línguas oeste-africanas ou sudanesas, seus principais representantes no Brasil foram os povos de línguas do grupo ewe-fon provenientes de Gana, Togo e Benin, foram apelidados pelo tráfico negreiro de minas ou jejes, e os iorubas da Nigéria e do Reino de Queto (Ketu), que se encontram na vizinha República do Benin, onde são chamados de nagôs.

Existe uma origem comum para essas diversidades de línguas, é a grande família linguística Níger-Congo. Explicar a participação de línguas africanas na construção da língua portuguesa no Brasil é perceber a participação, a atuação do negro africano como personagem falante no desenvolvimento dos acontecimentos e procurar entender os fatos acentuados de ordem socioeconômica e de natureza linguística que favoreceram o avanço consequente do elemento africano nesse processo. Um ambiente de vida de aparência conservadora e de tendência niveladora, mais aberto á aceitação de aportes culturais mútuos e de interesses comuns, foi condicionado pelo contingente de negros e afrodescendentes superior ao número de portugueses e outros europeus, por três séculos consecutivos, num contexto social e territorial marcado pelo isolamento em que foi mantida a colônia por meio do monopólio do comércio externo brasileiro, feito por Portugal até 1808.

Podemos destacar atuação socializadora que a mulher negra teve na função de mãe-preta dentro do seio familiar colonial e o processo de socialização linguística desempenhado pelos negros ladinos, aqueles que, aprendendo rudimentos de português, podiam falar a um número maior de ouvintes e influenciá-los, resultando daí adaptarem uma língua a outra e estimularem a difusão de certos fenômenos linguísticos entre os não bilíngues.

No século XIX, o processo de urbanização que se iniciava no Brasil a partir da instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro e a abertura dos portos em 1808,

determinaram a fixação nas cidades da mão-de-obra escrava recém-trazida da África, numa época em que a maioria da população brasileira era constituída de mestiços e crioulos. Com a extinção do tráfico transatlântico para o Brasil no ano de 1856 até a abolição da escravatura no país em 1888, o tráfico acabou sendo intensificado. Negros escravizados nas plantações do nordeste foram levados para outras nas regiões do sul e do sudeste e, em direção oposta, do centro-oeste para explorar a floresta amazônica onde os povos indígenas são preponderantes. Consequentemente o elemento negro foi uma presença marcante em todas as regiões do território brasileiro sob o regime colonial e escravista.

Entretanto, nesse contexto histórico-sócial, cada língua ou grupo de línguas teve sua influência própria. Observa-se que a influência banta é muito mais profunda em razão da antiguidade do povo Banto no Brasil, sua presença foi tão profunda no século XVII que, em 1697, fora publicado em Lisboa a obra *A arte da língua de Angola*, do padre Pedro Dias, sendo, então, a mais antiga gramática de uma língua banta, escrita na Bahia como instrumento que os jesuítas utilizavam com o objetivo de facilitar a doutrinação dos 25 mil negros angolanos, de acordo com Antônio Vieira, que se encontravam na cidade de Salvador sem falar o português.

As palavras africanas que entraram na língua portuguesa no Brasil acabam sendo associadas ao regime escravista (senzala, mucama, banguê, quilombo), a maioria deles acabam sendo completamente integrados ao sistema linguístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banta como: esmolambado, dengoso, sambista, xingamento, mangação, molequeira, caçulinha, quilombola. O vocábulo banto chega até mesmo a substituir a palavra de sentido equivalente em português como: caçula por benjamim, corcunda por giba, molambo por trapo, xingar por insultar, cochilar por dormir, dendê por óleo-de-palma, bunda por nádegas, cachaça por aguardente e outras. No século XVIII houve uma alta concentração do falar ewe-fon, havendo registro de um pequeno vocabulário jejemahi (fon, assim como de outras quatro línguas oeste-africanas 9haúça, tapa, grungi, fulani). Findando o século XVIII, Salvador começou a receber em levadas abundantes e sucessivas de um contingente de povos descendentes da atual Nigéria,



a presença do nagô-iorubá deu-se de um modo tão profundo que o termo nagô começou a ser usado indiscriminadamente, na Bahia, para designar qualquer indivíduo ou língua de origem africana no Brasil.

O português falado no Brasil, no que se afastou do português de Portugal, acabou sendo o resultado de um movimento implícito de africanização do português e, em sentido inverso, de aportuguesamento do africano sobre uma matriz indígena preexistente e mais localizada no Brasil. O português brasileiro descende, então, de três famílias linguísticas: a indo-europeia, com origem entre a Europa e a Ásia, da qual faz parte a língua portuguesa; a família das línguas do grupo tupi, faladas pelos indígenas brasileiros que acabaram se espalhando pela América do Sul; e, finalmente, a família das línguas Níger-Congo, que teve origem na África subsaariana e se expandiu por grande parte desse continente.

Conseqüentemente, observamos que povos indígenas e povos negros marcaram profundamente a cultura do colonizador português que se estabeleceu no Brasil, originando uma variação nova da língua portuguesa, a mestiça, brasileira.

Como diz o filósofo camaronês Nkolo Foe, 2007, “o sangue do Continente negro irriga as veias do Brasil: o rosto do povo brasileiro imprime o rótulo do sofrimento da África; a mente do povo brasileiro coloca as lembranças das religiões, das culturas, das organizações sociais da África”<sup>9</sup>. Definitivamente, não se pode pensar o Brasil sem pensar África!

Conclui-se afirmando que é impossível conhecer e entender nossa realidade sem conhecer a história da África. Somos diretamente formados por africanos que vieram escravizados para o Brasil e com sua luta e capacidade de ressignificação transformaram a realidade a que foram submetidos deixando muito do seu legado impregnado na nossa pele, no nosso andar, na nossa fala, enfim, no que nos faz ser quem somos.

---

<sup>9</sup> Artigo “A condição negra e a condição Pós Colonial” apresentado no IV Colóquio Internacional Saberes e Práticas: tecnologias e processos de difusão do conhecimento em 2010.

## LANGUE AFRICAINE ET IDENTITÉ AFRO/BRÉSILIENNE

### RÉSUMÉ :

L'Afrique est un continent avec diverses cultures, langues et peuples, où les racines de la civilisation et la culture s'entrelacent avec le quotidien. Sa culture est constamment célébrée dans leurs valeurs, croyances, coutumes, traditions, danses et chants, les pratiques rituelles, culte des ancêtres... Un continent pluriel marqué par une grande diversité ethnique et culturelle. Le noir africain et ses diverses langues ont changé non seulement les Portugais existants au Brésil, mais aussi l'esthétique, la cuisine, les coutumes et même la religion, de nombreuses influences qui au travers des temps nous ont transformé en la plus grande population afro-descendante concentrée hors du continent africain. Cet article a pour but de faire un bref aperçu sur l'identité noire / africaine et afro-brésilienne et l'influence de la langue portugaise dans les pays africains qui parlent portugais, et des influences dans notre langue des esclaves africains au Brésil.

**MOTS-CLES:** L'Afrique. Brésil. Identité. Langues. Culture.

### Referências

APPIAH, Kwame Anthony. *A invenção da África*. In: *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BERNAD, Zilé. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

CARVALHO, Maria do Livramento Gomes de. *A linguagem como afirmação cultural da identidade negra: lições e desafios de um contexto educacional pós-colonial*. Ministério de Educação e Ensino Superior - Cabo Verde. Ana Canen – UFRJ, s/d.

COMITINI, Carlos. *África: o povo*. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1982.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*. In: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FOE, Nkolo. Artigo A condição negra e a condição Pós Colonial. *IV Colóquio Internacional Saberes e Práticas: tecnologias e processos de difusão do conhecimento*. Salvador, 2010.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Brasília: UFMG, UNESCO, 2003

*HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA, I: Metodologia e Pré-História da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo – 2.ed.ver. – Brasília: UNESCO, 2010. Versão em PDF disponível em: <http://www.geledes.org.br/areas-de-atuacao/nossas-lutas/educacao/planos-de-aula/8610-lei-10639-colecao-historia-geral-da-africa-em-portugues-colecao-completa>

HOUNTONDJI, Paulin. *Sur la "Philosophie Africaine", critique de l'ethnophilosophie*. Yaoundé: Ed. Clé, 1980.

KI-ZERBO, Joseph. *Da natureza bruta à natureza libertada*. In: KI-ZERBO, J. (coord.).

*Metodologia e pré-história da África*. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.

MOORE, Carlos. *O racismo através da história*. Disponível em: <http://www.abruc.org.br/sites/500/516/00000672.pdf>. Acesso em maio de 2009.

NGOENHA S. *Das independências às liberdades*. África, Maputo: Edições Paulistas, 1993.

OLIVEIRA, David Eduardo de. *Filosofia da Ancestralidade – Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Curitiba, Editora Gráfica Popular, 2007.

\_\_\_\_\_. *Cosmovisão Africana no Brasil – Elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba, Editora Gráfica Popular, 2006.

Revista: Biblioteca entre livros – Vozes da África. Edição especial N° 06. Editorial: Duetto. Impressão: Ediouro Gráfica. [www.revistaentrelivros.com.br](http://www.revistaentrelivros.com.br)

Revista: Ciência & Vida – Filosofia. ANO II, N°14. Editora Escala. [www.revistacienciaevida.com.br](http://www.revistacienciaevida.com.br)

Sankofa – *Eurocentrismo, História e História da África* – Muryatan Santana Barbosa. [Revista de História da África e de Estudos da Diáspora África. N°1 jun./2008.]

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo, Editora Ática, 2. ed, 2007.

TAVARES, Suzana. Texto: *Reconhecimento da identidade afro-brasileira*. 2007.

*Recebido em 29/09/2011.  
Aprovado em 22/02/2012.*